



Centro Universitário de Brasília - UniCEUB
Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais

REBECA RODRIGUES MORAIS

**QUESTÕES DE GÊNERO NA COREIA DO SUL:
A disparidade na indústria do kpop**

**BRASÍLIA
2023**

REBECA RODRIGUES MORAIS

**QUESTÕES DE GÊNERO NA COREIA DO SUL:
A disparidade na indústria do kpop**

Artigo científico como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador(a): Prof. MSc. Fernanda Luiza Silva de Medeiros

BRASÍLIA

2023

REBECA RODRIGUES MORAIS

**QUESTÕES DE GÊNERO NA COREIA DO SUL:
A disparidade na indústria do kpop**

Artigo científico apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Direito/Bacharel em Relações Internacionais pela Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais - FAJS do Centro Universitário de Brasília (UniCEUB).

Orientador(a): Prof. MSc. Fernanda Luiza Silva de Medeiros

BRASÍLIA, _____ de _____ 2023.

BANCA AVALIADORA

Professor(a) Orientador(a): MSc. Fernanda Luiza Silva de Medeiros

Professor(a) Avaliador(a)

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer minha mãe, Fabrícia da Silva de Moraes, que foi quem me incentivou a iniciar minha graduação e sempre me encorajou e apoiou em minhas decisões. Também agradeço meus outros familiares, em especial meus avós, pela preocupação e cuidado comigo. Um agradecimento especial a meu irmão, que possibilitou, por meio de sua ajuda financeira, a realização deste sonho.

A presença das minhas amigas, tanto as que passaram comigo pela graduação quanto as que estão comigo desde meu ensino médio, foi de extrema importância para mim. Essas amigadas me ajudaram tanto a me distrair quanto me incentivaram a ver em mim mesma minhas capacidades. Agradeço especialmente a Dolores Luísa Araújo da Costa, mais que uma amiga. Sua ajuda, incentivo, paciência e aconselhamento foram imprescindíveis para a finalização deste trabalho.

Por último, mas não menos importante, gostaria de agradecer à Professora Fernanda Luiza e sua contribuição enriquecedora para o presente artigo.

RESUMO

O presente artigo discorre sobre o impacto da tradição cultural sul coreana sobre as desigualdades de gênero vivenciadas, em especial pelas mulheres coreanas, dentro da indústria musical do kpop, e como a utilização governamental dessa indústria para fins econômicos e políticos acaba perpetuando, interna e externamente, uma visão sexista e estereotipada da mulher sul coreana. Para tanto, a abordagem feminista elaborada no campo das Relações Internacionais é utilizada como base na construção da argumentação. Além disso, como forma de contextualizar o papel social feminino na Coreia do Sul, são utilizados dados históricos dos períodos entre a colonização japonesa à Península Coreana (1910-1945), até o desenvolvimento econômico do país no período pós Segunda Guerra Mundial.

Palavras-chave: Gênero; Kpop; Relações Internacionais.

ABSTRACT

This article discusses the impact of South Korean cultural tradition on gender inequalities experienced, particularly by Korean women, within the K-pop music industry, and how the government's utilization of this industry for economic and political purposes perpetuates a sexist and stereotypical view of South Korean women, both internally and externally. To accomplish this, the feminist approach developed in the field of International Relations is used as the basis for constructing the argument. Additionally, historical data from the periods between Japanese colonization of the Korean Peninsula (1910-1945) to the country's post-World War II economic development are utilized to contextualize the female social role in South Korea.

Keywords: Gender; K-pop; International Relations.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
2. HISTÓRICO DA VIVÊNCIA FEMININA NO PERÍODO COLONIAL DA COREIA	7
3. AS COREANAS NO PÓS-COLONIZAÇÃO	9
3.1. As Coreanas no Desenvolvimento Econômico	10
3.2. O Kpop Como Política de Estado	12
4. AS MULHERES NO KPOP	13
CONCLUSÃO	17
REFERÊNCIAS	18

INTRODUÇÃO

Em seu surgimento como campo de estudo no contexto da Primeira Guerra Mundial no mundo ocidental, o maior objetivo das Relações Internacionais (RI) era entender e analisar relações políticas e militares entre Estados-nação. Por um longo período, questões socioculturais e problemáticas orientais não eram levadas em conta nas análises feitas dentro da área de estudos, e formulações acerca dessas temáticas começaram a se desenvolver na história recente do campo, muito influenciado pelos debates pós-positivistas e por mudanças históricas pós Segunda Guerra Mundial.

Apesar dos avanços nas pautas debatidas academicamente, o campo ainda se mantém fortemente tradicional, e privilegia majoritariamente discussões a respeito de segurança e economia. Estudos sobre feminismo e gênero, por exemplo, são bem menos retratados, mostrando o viés masculino e eurocêntrico das Relações Internacionais. Um fato que evidencia essa falha pode ser observado no livro: “50 Grandes Estrategistas das Relações Internacionais”, do autor Martin Griffiths, no qual entre os 50 teóricos citados apenas 4 são mulheres, além da maioria dos teóricos retratados serem europeus ou norte-americanos.

Portanto, visto a persistente falha das RI em compreender e analisar as relações de poder e opressão gerados por sistemas patriarcais, torna-se de extrema importância fortalecer e revisitar debates acerca da construção de identidades de gênero, que afetam não somente a vivência de homens e mulheres no contexto interno de cada Estado, mas também a formulação políticas externas e a limitação da imagem de “feminilidade” em contexto global. Também é necessário e fundamental compreender as dificuldades particulares enfrentadas em diferentes contextos geográficos e sociais pelos mais diversos grupos de mulheres.

Na tentativa de enriquecer e reparar as falhas anteriormente citadas, o presente artigo objetiva analisar a indústria de música pop da Coreia do Sul (kpop), produto cultural de extrema relevância na construção da imagem externa do país. A indústria cultural é a ferramenta pela qual diversos Estados encontram de demonstrar sua força de influência sobre demais Estados (soft power). Particularmente, julgo de extrema importância investigar não somente temas tradicionais das RI (como economia, direito e segurança), já que cultura e consumo de entretenimento também são componentes importantes nas relações humanas. As indústrias de entretenimento tendem a reforçar paradigmas sociais já estabelecidos e defendidos por um Estado, que no caso coreano, assim como em diversos países, consiste em uma construção patriarcal que impacta diretamente as mulheres envolvidas nessa indústria.

Para construir e entender essa problemática, o artigo trará uma contextualização histórica da influência do confucionismo e da colonização japonesa na construção da imagem das mulheres coreanas, as políticas públicas no contexto da Coreia pós colonial e como as mulheres participaram deste processo, para por fim explicar a indústria do kpop e a evolução da vivência e representação feminina na mesma. O artigo utilizará como embasamento as teorias e estudos feitos por Cynthia Enloe (2014), em seu livro “Bananas, beaches and bases” e Sue Jackson (2020), que investiga a expansão do debate feminista por meio das celebridades da grande mídia em seu artigo, além de textos e artigos acadêmicos que corroboram com a temática.

A Coreia do Sul é mundialmente conhecida como exemplo de superação das adversidades causadas pelo período colonial que vivenciou, e do desenvolvimento econômico que conseguiu graças ao investimento em desenvolvimento de tecnologia e em seu setor cultural. Contudo, a desigualdade de gênero no país ainda é notável. Portanto, estudos que se dedicam a analisar casos como o citado são imprescindíveis para a redução das desigualdades de gênero, um dos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável da Organização das Nações Unidas (ONU).

2. HISTÓRICO DA VIVÊNCIA FEMININA NO PERÍODO COLONIAL DA COREIA

A Península Coreana viveu um período de colonização pelo império japonês entre os anos de 1910 a 1945. A ocupação feita pelo Império japonês à Península Coreana baseou-se em uma política imperialista formulada e muito utilizada por países europeus com suas colônias, e tinha como objetivo a busca por espaços de influência por meio do poder militar (MACEDO, 2017). Segundo descrito por Macedo: “Em 1876, Yamagata (primeiro-ministro japonês 1838-1922) argumentou que uma invasão da península coreana deveria ser parte de um plano de controlar a região antes que alguma outra nação ocidental o fizesse, pondo em perigo toda a ilha japonesa” (MACEDO, 2017, p.72). A ocupação japonesa foi marcada pela crueldade, a qual se evidencia na tentativa sistemática, e utilizada como arma de dominação, de apagamento da identidade cultural do povo coreano. Segundo descrito por Pautasso e Nogara na matéria *Coreia do Sul, Japão e as feridas abertas da colonização*:

[...] não apenas o idioma coreano foi proibido, como também as pessoas tiveram de mudar seus nomes para versões japonesas, com a população submetida militarmente ao mesmo tempo em que assistia a um intenso processo de modernização das forças produtivas e da infraestrutura do país (apud NOGARA e PAUTASSO, 2019, n.p)

Além de sofrerem os impactos da violenta tentativa japonesa de apagamento de sua identidade cultural, várias mulheres foram usadas como escravas sexuais por soldados japoneses durante os últimos anos da colonização, no contexto da Segunda Guerra Mundial. Apesar de mulheres de outros países do leste e sudeste asiático terem sofrido essa escravidão, 80% das “mulheres de conforto”, que sengo Sho (2008) seria a tradução dos termos “Wianbu” em coreano e “Ianfu” em japonês, utilizados para se referir a essas mulheres, eram coreanas (RIBAIS, 2021).

O recrutamento das “mulheres de conforto”, segundo Min (2003), era feito de duas formas: por meio da captura violentas dos soldados japoneses ou pela falsa oferta de cargos de trabalho de confecção de uniformes de soldados, no Corpo Voluntário Japonês, conhecido como *Jungshidae*. (apud RIBAIS, 2021, p.43)

Estima-se que mais de 20.000 mulheres foram recrutadas para prestar serviços sexuais aos soldados do Exército de Kwantung, que se localizava, no ano de 1941, estrategicamente na fronteira entre a União Soviética e a China na iminência de uma invasão ao território soviético. As jovens recrutadas tinham idades entre 13 e 20 anos, visando com isso o impedimento de que doenças venéreas se espalhassem entre os soldados. A existência desses “bordéis” militares se justificava no argumento de uma contenção ao massivo estupro anteriormente feito por soldados japoneses, como o ocorrido no Massacre de Nanquim, também conhecido como “Estupro de Nanquim”. As garotas eram mantidas em cárcere, obrigadas a suprir tarefas domésticas como lavar e passar para os soldados e sofriam por volta de 50 estupros por dia. Várias dessas mulheres foram mortas por militares japoneses quando o país não tinha mais esperança de ganhar a Segunda Guerra Mundial (RIBAIS, 2021). Esse fato e suas evidências, segundo Min (2003) foram acobertados pelo governo japonês. (apud RIBAIS, 2021, p.44).

Segundo a autora Kim Heisook (2009), nesse período, drásticas mudanças na construção da identidade da mulher coreana foram consolidadas. Várias mulheres coreanas organizaram movimentos de independência, visando a paridade de gênero. Esses movimentos se atrelaram aos movimentos nacionalistas coreanos, e segundo Heisook: “O nacionalismo despertou as mulheres para a lógica que eles poderiam fazer algo significativo para si mesmos, para a família (especialmente seus pais, irmãos e filhos), e para seu próprio país.” (HEISOOK, 2009, p.248).

O “nacionalismo feminista”, nomeado por Heisook, foi de extrema importância para contruir consciência social e ativa participação na vida política para as mulheres coreanas. Ainda segundo Heisook, os movimentos nacionalistas do período se solidarizavam com a

situação das “mulheres de conforto”. Contudo, a harmonia entre nacionalismo e feminismo declinou quando, após a independência coreana ocorrida no ano de 1945, os movimentos nacionalistas resgataram os valores patriarcais confucionistas, definindo por tanto que o papel social da mulher se resumiria a desempenhar funções de mãe e esposa. Além disso, os movimentos nacionalistas liderados por homens passaram a condenar as feministas por um suposto alinhamento à chamada “propaganda ocidental”, por mais que esses mesmos homens tenham participado ativamente do processo de ocidentalização (HEISOOK 2009).

Como outra consequência dos moldes sociais confucionistas, as experiências traumáticas das “mulheres de conforto” foram ignoradas por mais de 50 anos. Essa afirmação se torna nítida no contexto pós Segunda Guerra e a separação das Coreias, quando a Coreia do Sul sugere a construção de bordéis semelhantes aos feitos por soldados japoneses aos recém chegados militares estadunidenses. Por sua vez, o governo dos Estados Unidos soube do “Sistema de Conforto”, mas nada fez a respeito (nem mesmo levar o caso ao Tribunal de Tóquio) (YOON, 2010, apud RIBAI, 2021, p.45).

Segundo RIBAI (2021), no período ditatorial de Park Chung Hee (1961), a imagem das mulheres do país foi utilizada para promover uma política de turismo sexual formulada dentro do projeto de “milagre econômico”. Isso ressalta a afirmação feita por HEISOOK (2009), de que a filosofia confucionista é a grande responsável pela base de políticas governamentais acerca de temas, como por exemplo, administração e educação serem segregacionista em termos de sexo.

3. AS COREANAS NO PÓS-COLONIZAÇÃO

A seção subsequente irá apresentar a importância do *kpop* para o desenvolvimento econômico da Coreia do Sul e como as cantoras femininas afetam e são afetadas por essa indústria. Para tanto, a primeira parte da seção irá retratar a participação feminina no crescimento econômico da Coreia do Sul, com o objetivo de entender a evolução da imagem do papel social da mulher dentro da sociedade coreana. A segunda parte trará uma breve contextualização de como o *kpop* surgiu e foi utilizado pelo governo como estratégia de desenvolvimento econômico.

3.1. As Coreanas no Desenvolvimento Econômico

A Coreia do Sul é vista internacionalmente como um exemplo de “superação” por ter conseguido altos níveis de desenvolvimento econômico após ter enfrentado uma guerra civil e um período ditatorial repressivo. O investimento no desenvolvimento econômico como estratégia de governo se iniciou ainda no período ditatorial de Park Chung Hee (1961), e se deu por meio de melhorias no parque industrial do país, além de inserção massiva no comércio internacional. Apesar disso, a Coreia do Sul ainda não conseguiu alcançar desenvolvimento equivalente quanto a igualdade de gênero até os dias de hoje.

Segundo Hyunsoo Yang (Diretor de Planejamento de Inspeção de Segurança e Saúde - Ministério do Emprego e Trabalho), em documento da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), a igualdade de gênero obteve significativos avanços no país após sua aderência, no ano de 1996, à Organização. Contudo, muito ainda precisa ser feito se comparado com os demais países membros da OCDE.

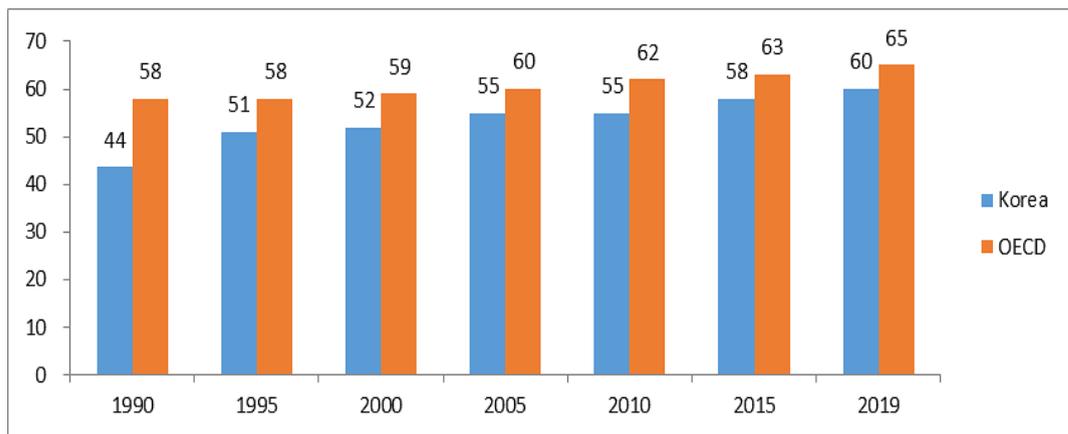
Ao abordar o plano nacional de desenvolvimento de cinco anos, baseado na exportação entre os anos 60 e 70, o Yang (2021) comenta a participação feminina que fica, por muitas vezes, nas sombras da história do milagre econômico coreano. Grande maioria dessas trabalhadoras eram mulheres jovens e sem capacidades técnicas prévias, e apesar disso desempenharam papel fundamental em fábricas de têxteis, vestuário, calçados e produtos eletrônicos. Essas mulheres tinham péssimas condições de trabalho e eram mal remuneradas. Nesse período, as taxas de participação feminina dobraram de 26,8% em 1960 para 46,7% em 1975.

Entre os anos 70 e 90, a mudança da estratégia econômica do país e o incentivo da participação masculina na indústria manufatureira, fez com que a participação feminina no mercado de trabalho diminuísse para 43,9% em 1984, especialmente, o de mulheres jovens de 15 a 19 anos, que caiu de 34,4% em 1980 para 18,7% em 1990. Apesar de terem perdido espaço no mercado de trabalho, as mulheres coreanas passaram a ter mais oportunidades de estudar. Yang também atribui a esse fato a política de controle de natalidade do governo, em suas palavras: “Os casais passaram a ter apenas um ou dois filhos, proporcionando-lhes oportunidades iguais para a educação, independentemente do seu sexo.” (YANG, 2021). Segundo Yang, esse momento histórico reduziu consideravelmente as desigualdades de gênero e foi crucial para o desenvolvimento técnico das mulheres.

Desde seu ingresso na OCDE, a economia coreana obteve notável crescimento, em especial no campo de desenvolvimento tecnológico (eletrônicos e automóveis, por exemplo), fazendo com que o país se inserisse cada vez mais nas cadeias de valor global e gerando consequentemente um salto do PIB de 6% em 1970 para 97% em 2019. Esses avanços

também afetaram positivamente a oferta de emprego para mulheres no país, gerando um aumento de mais de 10% da participação feminina na economia entre os anos de 1990 a 2019. Apesar disso, segundo Yang, o crescimento ainda não atinge a média dos demais países da Organização, que tem em média 65%.

Gráfico 1 - demonstração do nível de disparidade salarial entre países membro da OCDE e a Coreia do Sul



Fonte: stats.oecd.org

O desenvolvimento desigual pode ser explicado pela forte presença da ideologia neoconfuciana na sociedade coreana, filosofia patriarcal confucionista que foi utilizada como base da dinastia Joseon (1392-1910), defensora do ponto de vista de que: “[...] ao longo da vida, a mulher deve ser submissa a seu pai, a seu marido e em seguida a seu filho mais velho.” (OJARDIAS, 2020, n.p). Reforçando essa problemática, Yang afirma:

Dadas as práticas de longa data da divisão do trabalho entre os sexos, que estão profundamente enraizadas nas mentes de muitas pessoas, há pouca dúvida de que mudar a percepção do papel tradicional das mulheres requer tempo e esforço significativos. (YANG, 2021, n.p. tradução nossa).¹

O patriarcado enraizado reflete diretamente no mercado de trabalho. Apesar de terem mais formação acadêmica se comparado aos homens, segundo dados da OCDE, as mulheres são quem preenchem vagas de trabalhos mais precárias e menos bem remuneradas, além de ser o país com maior diferença salarial entre homens e mulheres em comparação aos demais membros da Organização. Segundo relato da diretora da Associação das Trabalhadoras da Coreia, a discriminação se inicia desde a entrevista de emprego, na qual em várias vezes as mulheres são questionadas sobre seu status civil e sua pretensão de ter ou não filhos, já que no

¹ Given the longstanding practices of the division of labor between the sexes, which are deeply rooted in the minds of many people, there is little doubt that changing perceptions of the traditional role of women requires significant time and effort.

ponto de vista dos empregadores, as mulheres são suscetíveis a deixar o emprego após ter o primeiro filho. (OJARDIAS, 2020).

3.2. O Kpop Como Política de Estado

O *Korean Pop*, ou *kpop*, é um estilo musical criado na Coreia do Sul que mescla vários outros gêneros musicais, como: hip hop, pop, rock, rap, etc. O marco inicial do kpop aconteceu no ano de 1992 com a estreia do trio musical chamado *Seo Taiji & The Boys*. O trio inovou trazendo influências musicais e visuais norte americanas e se diferenciando do gênero *trot*, um estilo de música pop coreana mais tradicional. A ascensão do trio gerou o surgimento de empresas de entretenimento voltadas à formação de kpop, e não demorou para que outros grupos/cantores solo surgissem dentro do estilo, por exemplo: H.O.T, S.E.S, BoA e Rain. Os grupos de kpop são compostos por mulheres (*girl groups*) ou por homens (*boy groups*), conhecidos como *idols* (ídolos), e poucos são os grupos que contam com integrantes masculinos e femininos juntos. Nessa época surgiu o termo *Hallyu*, conhecido como onda coreana, que foi utilizado pela primeira vez por jornalistas chineses com objetivo de caracterizar a expansão da indústria cultural coreana em países do Leste Asiático (destaque para Japão e China) (FERREIRA, 2022).

Segundo Ferreira (2022), o kpop passa a ser utilizado como estratégia de desenvolvimento econômico de política nacionalista durante o governo de Kim Dae-Jung (1998 - 2003), com o objetivo de salvar a economia e reformular as relações externas do país para superar o período de crise financeira que afetou toda a Ásia e que levou a Coreia a pegar um empréstimo de US\$ 58 bilhões do Fundo Monetário Internacional (FMI). Kim criou a Lei Básica Para a Promoção da Cultura, que destinava US\$ 148,5 milhões de verba para incentivar o desenvolvimento cultural do país, além de ter proibido a importação de produtos culturais japoneses como forma de gerar nos coreanos a valorização da indústria interna do país. Após implementação de tais medidas, Kim utilizou a estratégia de disseminação dos produtos coreanos para os países vizinhos, fazendo com que novelas do país (conhecidas como *k-dramas*) e *kpop* crescessem na Ásia. Dorneles e Silva (2021) ressaltam a influência da globalização para que países fora do eixo Estados Unidos/Europa pudessem tomar posição de maior atuação no Sistema Internacional no contexto pós Guerra Fria.

O kpop gerou crescimento de 17,9% para a indústria musical coreana no ano de 2018, somatizando a renda de 4,7 bilhões no país, mostrando a efetividade do investimento nessa indústria. A partir da expansão de consumo para o ocidente, a Coreia do Sul passou a ser o 6º

maior mercado de música no mundo (ORTEGA, 2019). Além disso, o país obteve grande crescimento turístico evidenciado pelo show de encerramento do world tour do BTS “Love Yourself: Speak Yourself”, em Seoul, que atraiu estimativamente 187 mil estrangeiros para o país e resultou em 87 mil turistas a mais no país que a média esperada para o ano de 2019 (PYEON, 2019).

Um ótimo exemplo utilizado por Ferreira que demonstra tanto a expansão da influência política sul coreana, bem como o importante papel da participação feminina no desenvolvimento econômico para a Coreia do Sul, é a cantora solo BoA. No ano de 2002 com o lançamento do álbum *Listen To My Heart*, possuindo todas as faixas cantadas em japonês, BoA consegue uma ótima aceitação do público japonês. Sua influência no mercado musical do país foi tão forte que a cantora foi convidada, no ano de 2003, para o South Korea-Japan Summit Dinner Party junto aos representantes políticos do Japão e da Coreia do Sul. Segundo destacado por Ferreira: “Esse foi um episódio marcante para a reaproximação dos dois países.” (FERREIRA, 2022, n.p).

Outro exemplo a ser ressaltado é o do grupo *red velvet*, que se apresentou na Coreia do Norte, com a presença do líder do país Kim Jong-un, em uma cerimônia de aproximação diplomática entre Coreia do Sul e Coreia do Norte no ano de 2018. O evento marca a primeira vez que um líder norte coreano assiste a uma apresentação musical sul coreana. Segundo reportagem da BBC News Brasil, Kim Jong-un demonstrou interesse na apresentação e cumprimentou o grupo feminino de kpop pessoalmente nos bastidores do evento.

4. AS MULHERES NO KPOP

Apesar do grande sucesso internacional e de ser utilizado pelo governo Coreano como estratégia política econômica e para promover uma boa imagem do país, a indústria do *kpop* tem problemas estruturais que afetam seus *idols*, em particular, o tratamento com as mulheres. Nessa indústria, a imagem é utilizada como prioridade, o que faz com que os *idols* sejam, em vários casos, obrigados a se submeter a cirurgias plásticas e a passar por dietas severas. Portanto, os *idols* de kpop acabam sendo mais forjados para serem produtos de consumo do que artistas musicais (HAZZAN, 2016). Tal afirmação relaciona-se às formulações feitas pela autora Cynthia Enloe (2014), que em seus desenvolvimentos teóricos, ao retratar as relações de turismo entre países, argumenta que tanto as empresas privadas quanto os governos vendem a ideia de que até mesmo a sexualidade das mulheres pode ser vista como bens de consumo. A utilização das mulheres como bens de consumo não é levada em conta nos

debates políticos, apesar de ser ferramenta política de intermédio diplomático, como nos casos da cantora BoA e do grupo *red velvet*, anteriormente citados (ENLOE, 2014).

Ainda tratando sobre a estrutura do kpop, Hazzan (2016) cita o documentário *9 Muses of Star Empire* para exemplificar as problemáticas provenientes tanto da tradição cultural coreana, quanto do sexismo no país. O documentário acompanha executivos da empresa *Star Empire Company* e um grupo de garotas entre 18 e 21 anos em fase de treinamento, que posteriormente formariam o grupo *9 muses*. No documentário é possível ver que as garotas não podem demonstrar opinião sobre o que vestem ou cantam, além de sofrerem diversos episódios de assédio moral e não revidaram a esses, fato comumente observado na Coreia do Sul devido sua cultura de hierarquização. Outro caso a ser citado é o do grupo *Stellar*. As integrantes do grupo se viram obrigadas a utilizar imagens mais provocativas para chamar atenção do público. Uma das ex integrantes do grupo, Gayoung, afirmou em entrevista ao programa coreano “*Miss Back*” da emissora de TV MBN que:

No dia das filmagens do videoclipe, nós nos opusemos veementemente a usar roupas tão provocantes. Nós dissemos a eles que de jeito nenhum poderíamos dançar com elas. No entanto, os produtores nos disseram para apenas experimentá-las antes de dizer que não poderíamos. No final, eles divulgaram aquelas fotos. Por causa do trauma que sofri naquela época, ainda não consigo usar camisetas de manga curta ou shorts (tradução nossa)²

Segundo Enloe (2014): “As políticas de promoção do turismo são generificadas.”; “Essas ideias e práticas afetam quem tem poder e quem é afetado por como o poder é exercido.” (ENLOE, 2014, p.39). Essa ideia aplica-se também ao contexto do kpop, mostrando que essas idols são afetadas pelo exercício de poder gerado pela política de generificação, tanto na hierarquia cultural que gera o estereótipo de vulgaridade e limita a liberdade sexual feminina, vista de forma muito negativa pela cultura social conservadora sul coreana, quanto na hierarquia política, no que diz respeito à desvalorização dessa pauta frente aos debates políticos tidos como convencionais (temáticas como petróleo e armamento, por exemplo).

A desigualdade de gênero dentro dessa indústria também foi debatida por RIBEIRO, SILVA, XIMENES e COVALESKI (2017), que ressaltam as diferenças de estilos de música/imagem entre homens, que têm maior liberdade em transitar entre os estilos musicais e mais liberdade criativa, e mulheres, que geralmente são colocadas em conceitos fofos ou sexys como forma de satisfazer os desejos do público masculino, reiterando que o traço cultural dos papéis de gênero ainda tem nítida presença dentro da indústria do *kpop*.

² On the day of the music video filming, we strongly opposed wearing such provocative clothing. We told them there was no way we could dance in them. However, the producers told us to just try it on before saying we couldn't. In the end, they released those pictures. Because of the trauma, I endured at the time, I still can't wear short-sleeved shirts or short pants

O conceito fofo geralmente é utilizado em grupos com garotas menores de idade. Nesse conceito, tanto as letras das músicas quanto os visuais dos videoclipes passam uma imagem inocente e infantil, e até mesmo as garotas do grupo agem de forma mais doce e tímida nas interações com os fãs. Os autores chamam atenção para as cores utilizadas nos videoclipes e nas roupas: tons claros e principalmente as cores azul, branco e rosa, que reforçam a imagem frágil e feminina que o conceito pretende transmitir (RIBEIRO, SILVA, XIMENES e COVALESKI, 2017).

No conceito sexy, porém, pode-se perceber o extremo oposto. Os grupos que se utilizam desse conceito tem integrantes um pouco mais velhas, e as temáticas das músicas focam em traições, romances e fins de relacionamento. Nesse conceito, as garotas usam maquiagens mais fortes e roupas mais curtas, além de fazerem coreografias mais sensuais.

Ambos os conceitos são muito utilizados, e demonstram a dicotomia da imagem de idols femininas. Hazzan (2016) cita o ponto de vista da autora Katie Evans, escritora sobre kpop no blog MoonROK, que afirma que os grupos femininos recebem críticas tanto por fazerem conceitos sexys e serem muito sexualizadas, quanto por fazerem conceitos fofos e serem muito infantilizadas. Evans pontua as problematizações feitas por fãs desses grupos dizendo:

Alguns fãs acreditam que conceitos e músicas modestos e fofos oprimem artistas femininas por não as permitirem a expressar sua sexualidade, enquanto outros acreditam que conceitos sexy encorajam homens a objetificar mulheres, as colocando em um risco maior de agressão sexual [...] Ambas as ideias são ridículas, mas elas expõem a forma limitada que nos permitimos pensar sobre artistas mulheres (HAZZAN, 2016, p.45 apud EVANS tradução nossa)³

Apesar disso, durante os últimos anos, cada vez mais grupos femininos vêm incorporando em suas músicas e videoclipes mensagens de empoderamento, gerando portanto uma ruptura à dicotomia anteriormente citada. Um exemplo a ser ressaltado é o do grupo (G)I-DLE e sua música intitulada “*nxde*”. Segundo Soyeon, integrante do grupo e principal idealizadora da música em questão, a intenção da faixa não é parecer erótica, mas sim gerar uma mudança de perspectiva sobre o tema. Em trecho retirado da música, lê-se: “Por que você pensa isso sobre nu?/Porque sua visão é tão rude/Pense fora da caixa/Fala./Meu lindo eu, meu lindo, eu/Eu nasci nu./O pervertido é você”. A faixa foi bem recebida pelo público sul coreano, que apontam como o título da faixa ajudou a diminuir o acesso à conteúdos de

³ Some fans believe modest or cute concepts and songs oppress female artists by not allowing them to express their sexuality, while others believe sexy concepts encourage men to objectify women, putting them at a higher risk of sexual assault [...] Both of these ideas are ridiculous, but they expose the limited ways we allow our selves to think about female artists."(HAZZAN, 2016, p.45 apud EVANS)

pornografia infantil. Segundo descrito por matéria do site *Koreaboo*, no ano de 2022: “Se alguém pesquisar nas redes sociais o nome coreano do grupo (아이돌) ou a palavra “crianças” (que são escritas da mesma forma), junto com “nude” ou “nxde”, (G)I-DLE e seu conteúdo agora aparecerá automaticamente em vez de fotos ilegais e ilícitas.”.

A construção do debate feminista por meio do feminismo de celebridades é abodado por Jackson (2020). Apesar de debates rasos, que não comportam temáticas como interseccionalidade, o feminismo de celebridades se torna uma porta de entrada para o público consumidor, mais importante meninas e jovens mulheres que possam se aprofundar mais no assunto como evidencia Jackson:

A construção das meninas sobre o feminismo das celebridades como 'básico' também infunde sua visão dele como um ponto de partida, após o qual uma educação feminista se torna possível, aprendendo 'mais sobre isso' e alcançando um 'nível mais profundo' de conhecimento feminista. (JACKSON, 2020, p.09 tradução nossa)⁴

É importante ressaltar que além desses avanços, as mulheres ainda são utilizadas como produto e ainda precisam se submeter a hierarquia industrial do kpop, dominada por grandes empresas de entretenimento se pretendem se tornar idols conhecidas. A cultura sexista da Coreia do Sul pode ser percebida como fonte da forma pela qual as mulheres são tratadas e retratadas pela indústria do kpop. Contudo, a partir da crescente influência das mulheres na sociedade coreana e da maturidade da indústria da música pop do país, melhorias podem ser vistas futuramente (HAZZAN, 2016).

CONCLUSÃO

Em vista dos argumentos apresentados no presente artigo, pode-se concluir que apesar dos avanços da coreia do sul após seu processo de descolonização e desenvolvimento econômico, a estrutura tradicional de gênero, na qual mulheres são subjugadas, são mantidas. Esta manutenção acontece desde sua descolonização de cunho nacionalista que reforçou o papel das mulheres ditado pelas ideias confucionistas, que as mantinham no lar e destituídas,

⁴ Girls’ constructions of celebrity feminism as “basic” also infuses their view of it as a trigger point, after which a feminist education becomes possible, learning “more about it” and attaining a “deeper level” of feminist knowledge (JACKSON, 2020, p.09)

em grande parte, de direitos políticos. Essa divisão de papéis sociais separados por gênero se faz presente ainda na sociedade contemporânea sul coreana, fato que pode ser evidenciado pela disparidade salarial entre homens e mulheres no país. Essa realidade também pode ser percebida dentro das estruturas do kpop, que ganha força ainda neste contexto, expandindo sua popularidade a ponto de ser usado como política de estado muito além de um movimento artístico, conferindo ao governo coreano uma maneira de promover o país internacionalmente. Contribuindo assim com a disseminação de uma imagem limitada da mulher.

A Coreia do Sul enfrentou um longo período de colonização por parte do império japonês (1910-1945), momento histórico que ficou marcado pela tentativa, por parte do Japão, de apagar a cultura coreana e pela subjugação de nacionais coreanos, em especial as mulheres, que foram utilizadas como escravas sexuais por soldados japoneses durante o período da Segunda Guerra Mundial. Com o fim do sistema colonial japonês, após o fim da Segunda Guerra Mundial, a Coreia do Sul enfrentou uma guerra civil contra a Coreia do Norte (dentro do contexto da Guerra Fria), além de crises políticas e econômicas. Nesse contexto, o nacionalismo sul coreano tomou forma, e mesmo contando com participação das mulheres, acabou por trazer os ideais confucionistas que estabelecem a estruturação do papel da mulher que se tornou costume no país.

No contexto pós Guerra Fria, a globalização passa a ser utilizada por países não hegemônicos, como a Coreia do Sul, para se promover no Sistema Internacional através da exportação da sua cultura. O kpop se insere neste contexto e se desenvolve como uma ferramenta diplomática do Estado, fazendo produções artísticas coreanas atingirem grandes níveis de popularidade internacional. Assim, as problemáticas anteriormente citadas, também podem ser percebidas na estrutura do kpop que usa as *idols* como produto em detrimento das suas capacidades artísticas e criativas, fato que afeta ainda mais as mulheres inseridas na indústria.

Se torna evidente que a imagem disseminada das mulheres pelo kpop é fortemente influenciada pela tradição cultural sul coreana que reforça a divisão de papéis sociais definidos por gênero, e subjuga as mulheres. A visão simplificada da mulher como mãe ou dona de casa, ou seja, objeto de uso dos homens, se traduz no kpop por meio de uma dicotomia que apresenta dois lados: o fofo e o sexy. O primeiro, representando um tipo de mulher desejável no ambiente doméstico e a segunda, como objeto de prazer. Tal dicotomia é reforçada por uma indústria que retira a autonomia criativa das artistas em detrimento do interesse das produtoras e do capital, visando o lucro e a popularidade.

REFERÊNCIAS

- DORNELES, Camila Nunes; SILVA, Ríllari Ferreira Castro. **Kpop e Gênero: a representação feminina na Coreia do Sul**. O não internacional, 2021. Disponível em: <<https://www.onao.com.br/post/kpop-e-g%C3%AAnero-a-representa%C3%A7%C3%A3o-feminina-na-coreia-do-sul>>. Acesso em: 25 ago. 2022.
- ENLOE, Cynthia. **Bananas, beaches and bases: Making Feminist Sense of International Politics**. Los Angeles: University of California Press, 2014.
- FERREIRA, Gabriela. **Linha do tempo da onda coreana: Entenda como o k-pop dominou o mundo**. Tangerina, 2022. Disponível em: <<https://tangerina.uol.com.br/musica/k-pop-linha-do-tempo/>>. Acesso em: 27, set 2022.
- (G)I-DLE New Song “Nxde” Gains Attention After Becoming A Trend On TikTok Aimed At Combating The Sexualization Of Idols. **Koreaboo**, 25 out. 2022. Disponível em: <<https://www.koreaboo.com/news/gidle-nxde-trend-tiktok-combat-sexualisation-idols/>>. Acesso em: 20 mai, 2023.
- HAZZAN, D. **K-Pop Chords of Sexism**. *Herizons*, [s. l.], v. 30, n. 2, p. 44–48, 2016. Disponível em: <<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=aph&AN=119070842&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 28 ago. 2022.
- HEISOOK, K. **Feminist Philosophy in Korea: Subjectivity of Korean Women**. *Signs: Journal of Women in Culture & Society*, [s. l.], v. 34, n. 2, p. 247–251, 2009. DOI 10.1086/590977. Disponível em: <<https://search.ebscohost.com/login.aspx?direct=true&db=asn&AN=36291828&lang=pt-br&site=ehost-live>>. Acesso em: 05 set. 2022.
- JACKSON, Sue. **“A very basic view of feminism”: feminist girls and meanings of (celebrity) feminism**, *Feminist Media Studies*, 2020. Disponível em: <<https://doi.org/10.1080/14680777.2020.1762236>>
- MACEDO, Emiliano Unzer. O imperialismo japonês na Ásia. In: BUENO, André; ESTACHESKI, Dulceli; CREMA. Everton; NETO, José Maria [orgs.] **Mais Orientes**. Rio de Janeiro/União da Vitória; Edição Sobre Ontens/LAPHIS, 2017. p. 71-92. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=iFg6DwAAQBAJ&oi=fnd&pg=PA71&dq=imperialismo+japones+na+coreia&ots=aLMk1QS4RJ&sig=_20ECOCiik-HDEeB8bUiLWqqKjk#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 20, mai. 2023.
- NOGARA, Tiago Soares; PAUTASSO, Diego. Coreia do Sul, Japão e as feridas abertas da colonização. **Opera Mundi**, 2019. Disponível em: <[Opera Mundi: Coreia do Sul, Japão e as feridas abertas da colonização \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/opera-mundi/2019/05/23/k-pop-e-poder-como-coreia-do-sul-japao-e-as-feridas-abertas-da-colonizacao/)>. Acesso em: 20, mai 2023.
- ORTEGA, Rodrigo. K-pop é poder: Como Coreia do Sul investiu em cultura e colhe lucro e prestígio de ídolos como BTS. **G1**, 23 mai. 2019. Disponível em: <[https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/05/23/k-pop-e-poder-como-coreia-do](https://g1.globo.com/pop-arte/musica/noticia/2019/05/23/k-pop-e-poder-como-coreia-do-sul-japao-e-as-feridas-abertas-da-colonizacao/)>

-sul-investiu-em-cultura-e-colhe-lucro-e-prestigio-de-idolos-como-bts.ghtml>. Acesso em: 20 mai. 2023.

POR que a ida de Kim Jong-un a show de K-pop é surpreendente. **BBC News Brasil**, 02 abr. 2018. Disponível em:<<https://www.bbc.com/portuguese/internacional-43618902>>. Acesso em: 20 mai. 2023.

RIBAIS, Natasha de Paris. Desconfortável silêncio: dando voz às “mulheres de conforto” por meio dos movimentos feministas sul-coreanos. In: SIMÃO, Ana Regina Falkembach. **Reflexões Internacionalistas**. 1. ed. Porto Alegre: Grupo de Pesquisa Novos Polos de Poder e a Política Internacional, 2021. P. 43-47. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Roberto-Uebel-2/publication/353372644_Reflexoes_Internacionalistas_Anais_da_II_Mostra_Cientifica_de_Relacoes_Internacionais/links/60f89f0d0c2bfa282af1f708/Reflexoes-Internacionalistas-Anais-da-II-Mostra-Cientifica-de-Relacoes-Internacionais.pdf#page=43>. Acesso em: 23 ago. 2022.

RIBEIRO, Arthur; SILVA, Herbertt; XIMENES, Maria; COVALESKI, Rogério. **A Representação Feminina no K-Pop e seus Reflexos nos Padrões de Consumo e Comportamento Social** 2017. Disponível em:<<https://portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-1942-1.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2022

YANG, Hyunsoo. **Gender equality: Korea has come a long way, but there is more work to do**, 2021. Disponível em: <<https://www.oecd.org/country/korea/thematic-focus/gender-equality-korea-has-come-a-long-way-but-there-is-more-work-to-do-8bb81613/>>. Acesso em: 04, set 2022.